

## ***Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares**

Bullying at school: Aggressive behavior, victimization and prosocial behavior among peers

**Adriano Severo Calbo**

Psicólogo clínico da Psicobreve. Rua Cândido Machado 429/509, Canoas, RS, Brasil.  
adriano.calbo@gmail.com

**Fernanda de Bastani Busnello, Marcelo Montagner Rigoli,  
Luiziana Souto Schaefer, Christian Haag Kristensen**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Av. Ipiranga, 6681, Prédio 11, Sala 933, 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil. febastani@yahoo.com.br, marcelo.m.rigoli@gmail.com, luiziana.schaefer@gmail.com, christian.kristensen@puccrs.br

---

**Resumo.** O fenômeno conhecido como *bullying* compreende diferentes formas de agressão, proposital e repetida, adotadas por um ou mais indivíduos contra outro(s) em uma relação díspar de poder. Este estudo analisou a ocorrência de *bullying* na escola, considerando os comportamentos agressivos e de vitimização, assim como características pró-sociais em estudantes de quinta e sexta séries de uma escola particular do município de Canoas (RS). Participaram da pesquisa 143 estudantes de ambos os sexos, na faixa etária compreendida entre nove e 15 anos. Por meio da utilização do *Peer Assessment*, verificou-se que 26,57% dos indivíduos já se envolveram em situações de *bullying*, mas os meninos obtiveram escores mais altos, tanto em comportamentos de agressividade como de vitimização. Os resultados indicam a necessidade de priorizar estratégias de prevenção nas instituições de ensino.

**Palavras-chave:** *bullying*, comportamento agressivo, vitimização, comportamento pró-social, escola.

**Abstract.** Bullying comprises different forms of aggression, intentional and repeated, perpetrated by one or more individuals towards others, within an uneven relationship. This study investigates the occurrence of bullying at school, considering aggressive and victimization behaviors, as well as prosocial characteristics of students from 5th and 6th grades in a private school in Canoas (RS, Brazil). The participants of this study were 143 students, of both genders, from 9 to 15 years old. Through Peer Assessment, it was found that 26,57% of the individuals have already been involved in bullying, while boys obtained higher scores in aggressive behaviors and victimization. The outcomes indicate the need to prioritize prevention strategies in educational settings.

**Key words:** bullying, aggressive behavior, victimization, prosocial behavior, school.

---

## Introdução

Existe uma grande variedade de definições para a palavra *bullying*, mas pode-se dizer que o termo se refere à exposição repetida a ações propositais que ferem ou prejudicam o indivíduo, caracterizando-se, principalmente, pela disparidade de poder entre os pares, de modo que uma pessoa é dominada por outra. Portanto, o desequilíbrio de poder e as atitudes negativas e repetidas entre iguais constituem as principais características que viabilizam a intimidação do alvo (Lopes Neto, 2005). Esses atos podem ser cometidos por meio de agressão verbal ou física, ou por meio de exclusão de um grupo (Lopes Neto, 2005; Olweus, 1993). Determinadas características de um indivíduo podem torná-lo uma vítima potencial de *bullying*, tais como etnia, orientação sexual, diferença de idade e tamanho (Dawkins, 1995; Smith, 2002).

O fenômeno de *bullying* é, atualmente, uma das formas mais recorrentes de violência na escola (Batsche, 1997). É importante destacar que as situações de *bullying* ocorrem em diversos contextos, sem restrição quanto ao nível socioeconômico, gênero ou faixa etária, sendo observadas em escolas públicas e privadas (Crothers e Levinson, 2004; Olweus, 1977, 1993). Diante do progressivo aumento dos casos de agressão observados no ambiente escolar e das graves consequências sociais que acarretam ao sistema educacional brasileiro, diversos estudos têm investigado o *bullying* entre estudantes do ensino fundamental e médio, bem como na população universitária (Bond *et al.*, 2007; Carlyle e Steinman, 2007; Chapell *et al.*, 2006; Glew *et al.*, 2008; Kim *et al.*, 2006; Pitton, 2006).

Além das diferentes definições encontradas para o termo *bullying*, há também formas distintas de classificá-lo. Assim, esse fenômeno pode ser qualificado quanto ao tipo de ato violento que é empreendido, diferenciando-se entre direto e indireto. O *bullying* direto, tanto físico como verbal, inclui agressão física, abuso sexual, roubo ou deterioração de objetos de outra pessoa, extorsão, insultos, apelidos e comentários racistas. A forma de *bullying* indireto, por sua vez, compreende a exclusão de uma pessoa do grupo, fofocas e apelidos que marginalizam o outro e qualquer outro tipo de manipulação cometida por um indivíduo ou um grupo contra outro (Olweus, 1993; Smith e Sharp, 1995).

Outra forma de classificação do *bullying* é em relação à função assumida pelos parti-

cipantes, que podem ser vítimas, agressores, vítimas/agressores ou testemunhas (Dawkins, 1995). As vítimas ou alvos são os indivíduos expostos a ações perpetradas por outro(s), de forma repetida e durante um determinado período. Essas pessoas, em geral, são inseguras, pouco sociáveis e não dispõem de recursos para reagir à violência ou interrompê-la (Carney e Merrell, 2001; Dawkins, 1995; Pearce e Thompson, 1998). Os agressores, por sua vez, tendem a ser pessoas populares e dominadoras em relação aos seus alvos, além de envolverem-se em comportamentos antissociais (Chesson, 1999; Pearce e Thompson, 1998). Alguns aspectos como condições familiares adversas, maus-tratos, excesso de permissividade dos pais e mesmo fatores individuais (impulsividade, hiperatividade, déficit de atenção, baixo desempenho escolar) podem explicar as atitudes praticadas pelos perpetradores da violência (Dawkins, 1995; Eslea e Rees, 2001). Cerca de 20% dos indivíduos envolvidos em situações de *bullying* podem representar tanto o papel de vítimas como de agressores, dependendo do contexto em que se encontram. Essa dupla função pode ser justificada pela combinação de atitudes agressivas e uma baixa autoestima (Kaltiala-Heino *et al.*, 1999; Kumpulainen *et al.*, 2001). As testemunhas, por fim, são pessoas que não se envolvem diretamente em situações de *bullying*, mas assistem passivamente à violência cometida e se calam por medo, acobertando os agressores e contribuindo para a continuidade desses atos (Dawkins, 1995; Lopes Neto, 2005).

O *bullying* é uma preocupação universal, visto o grande número de trabalhos realizados no mundo todo, em países como Austrália, Holanda, Estados Unidos, Portugal e Coreia (Bond *et al.*, 2007; Camodeca e Goossens, 2005; Carlyle e Steinman, 2007; Martins, 2005; Yang *et al.* 2006). No Brasil, as pesquisas sobre vitimização e comportamentos violentos na escola são recentes (Silva e Löhr, 2001). A falta de trabalhos sobre esse tema cria uma discussão a respeito da incidência do *bullying*, pois é difícil identificar se a prevalência desse fenômeno realmente está aumentando ou se foi o interesse social acerca do sistema escolar que gerou mais pesquisas e visibilidade. Dessa forma, há desacordo nos achados de pesquisas anteriores quanto à prevalência do *bullying* na escola, variando de 21% (Chapell *et al.*, 2006) a 40% (Lopes Neto e Saavedra, 2003). Esses resultados incluem tanto comportamentos de agressividade como de vitimização.

A literatura aponta para diferenças entre os sexos na manifestação de comportamentos que envolvem *bullying*. Os meninos tendem a envolver-se mais em situações de *bullying*, tanto como autores quanto como alvos (Farrington, 1993; Lopes Neto, 2005; Olweus, 1994). Entre as meninas, o *bullying* também ocorre, embora com menor frequência, principalmente sob a forma de agressão indireta, que envolve exclusão social e difamação dos pares (Lopes Neto, 2005; Olweus, 1997). Esses resultados correspondem aos encontrados na literatura acerca da agressão, sugerindo que os meninos utilizam mais agressividade direta, sendo ela verbal ou física (Björkqvist, 1994; Björkqvist e Niemelä, 1992), enquanto as meninas, por sua vez, apresentam costumeiramente formas de agressividade social ou relacional (Olweus, 1997).

Em relação à idade em que o *bullying* ocorre mais frequentemente, alguns estudos verificaram que esse fenômeno parece atingir seu pico na faixa etária entre nove e 15 anos (Carney e Merrell, 2001; Frisén *et al.*, 2007). As vítimas, em geral, possuem determinadas características que as fragilizam ante o agressor. Desse modo, as crianças mais novas podem ser alvos de outras crianças mais velhas. Outros indivíduos tornam-se vítimas por serem fracos fisicamente ou possuírem alguma característica percebida como negativa ou algo que os diferencie do grupo de iguais (Eslea e Rees, 2001). Olweus (1993) também constatou que a porcentagem dos indivíduos que relatam a vitimização declina gradualmente com o passar da idade. É menos provável a ocorrência de agressões físicas para aqueles com a idade mais avançada e que continuam em processo de vitimização na escola. Smith *et al.* (1999) inferiram que o *bullying* tende a cessar na maioria dos casos com o passar dos anos, porque os sujeitos que outrora eram vítimas vão adquirindo, gradualmente, habilidades sociais e, assim, aumentando sua autoestima (Frisén *et al.*, 2007).

O *bullying* é considerado um estressor social crônico, que pode ocasionar diversos problemas para a vida do indivíduo, como depressão, ansiedade, estresse e baixa autoestima (Hamilton *et al.*, 2008; Lund *et al.*, 2008; Van der Wal *et al.*, 2003). Esses efeitos decorrentes da violência direta ou indireta entre pares na infância trazem, muitas vezes, consequências para a vida adulta da pessoa que foi uma vítima crônica de *bullying*.

Assim, considerando o aumento significativo dos casos de violência na escola e do

impacto que causa às pessoas, inclusive repercutindo na vida adulta, este estudo teve como principal objetivo investigar a ocorrência de comportamentos agressivos, vitimização e características pró-sociais associados ao *bullying* em estudantes do ensino fundamental de uma escola particular. Adicionalmente, tendo em vista os resultados apontados por estudos anteriores, também foi analisada a variável sexo na manifestação desses comportamentos.

## Método

### Participantes

Participaram dessa pesquisa 143 alunos, cursando regularmente a quinta e a sexta séries do Ensino Fundamental em uma escola particular no município de Canoas (RS). Os participantes – 69 meninas (48,3%) e 74 meninos (51,7%) – apresentaram uma idade média de 10,87 anos ( $DP = 1,02$ ). Um participante foi excluído da amostra por apresentar o diagnóstico de autismo, não conseguindo completar a tarefa em tempo hábil. Apesar do questionário respondido parcialmente por esse estudante ter sido desconsiderado, para fins de análise, as citações dos colegas em relação ao seu nome foram consideradas.

### Instrumento

Para a coleta dos dados, foi usado o *Peer Assessment* (Rubin *et al.*, 1998), que consiste em uma lista de trinta afirmativas que descrevem características comportamentais de amigos/colegas da sala de aula. Ao lado de cada característica, o respondente deve escrever o nome do(s) seu(s) colega(s) de aula que, em sua opinião, mais se identifica(m) com as mesmas. Essas trinta afirmativas são agrupadas em três fatores: Fator 1 = características pró-sociais, Fator 2 = características de comportamento agressivo e Fator 3 = características comportamentais de vitimização. O instrumento original desenvolvido por Rubin *et al.* (1998) foi traduzido para o português e retraduzido para o inglês por pesquisadores bilíngues diferentes (*back-translation*), conforme estudo de Lisboa (2005). Além dessa tradução, Lisboa (2005) incluiu ao *Peer Assessment* outros itens elaborados com base em instrumentos existentes e na literatura atual na área. O questionário também considera a linguagem usual para determinada característica e a cultura em que as

afirmativas enquadram-se, determinando os três comportamentos distintos. Lisboa (2005) determinou, ainda, o ponto de corte, comparando os seus resultados com os da pesquisa de Rubin *et al.* (1998).

## Procedimentos

Para a realização deste estudo, procedimentos éticos e operacionais foram inicialmente adotados. Foi realizado contato com a direção da escola e, posteriormente, a divulgação deste trabalho junto aos professores. Cada professor recebeu uma carta contendo material explicativo sobre *bullying* e sobre a pesquisa a ser realizada. Também foi oferecida, aos professores e à equipe pedagógica, uma palestra sobre o tema. Antes da aplicação do instrumento, foi feita uma breve explicação sobre os objetivos do instrumento e o seu correto preenchimento, além de serem prestados esclarecimentos a todas as dúvidas dos participantes. Em relação à indicação dos nomes dos sujeitos, foi estabelecido um padrão, inclusive para a diferenciação de nomes iguais. Os sujeitos foram solicitados a escrever, ao lado de cada afirmativa, o nome do(s) colega(s) que julgassem possuir a característica descrita, conforme a explicação realizada previamente. Os participantes podiam citar/escrever mais de um nome (de colegas) ao lado de cada item.

Com a autorização das professoras, todos os alunos receberam e responderam individualmente o *Peer Assessment* na sala de aula, contando sempre com a presença de um dos pesquisadores. Foi solicitado a cada professora que aguardasse fora da sala, a fim de transmitir confiança e conforto aos participantes.

O levantamento das respostas consistiu em calcular o número de citações que cada participante recebeu dos seus pares para cada item do instrumento, na sua turma. Os escores brutos foram transformados em escores *z*, o que auxiliou a compreensão e visualização de valores mínimos e máximos, próximos ou distantes de uma média. Após esse levantamento, foram classificados, segundo seu papel social (pró-sociais, agressores e/ou vítimas), aqueles participantes cujos escores encontravam-se ao menos um desvio padrão acima da média para determinado fator na turma que se inseria. Os dados foram analisados descritiva e inferencialmente no programa SPSS for Windows (Versão 11.5).

## Resultados

Conforme descrito anteriormente, para a padronização dos escores obtidos por cada indivíduo, foi calculado um escore *z* que forneceu média e desvio-padrão para cada fator. Assim, se um indivíduo possuía o escore *z* igual ou superior a um desvio-padrão, ele era classificado como pró-social, agressor ou vítima, para o respectivo fator. Adicionalmente, verificou-se a consistência interna para cada fator do *Peer Assessment*. Os coeficientes Alfa de Cronbach obtidos foram os seguintes: Fator 1,  $\alpha = 0,88$ ; Fator 2,  $\alpha = 0,89$ ; Fator 3,  $\alpha = 0,81$ .

Os resultados obtidos revelaram que 26,57% ( $n = 38$ ) dos alunos da amostra já envolveram em alguma situação de *bullying*. Em uma análise intraturmas, percebe-se que o padrão de número de vítimas e algozes varia, pois, em uma turma de quinta série, havia mais algozes que vítimas, sugerindo que uma vítima pode ser agredida por mais de um algoz. Em outras duas turmas (quinta e sexta séries), o número de agressores é menor que o de vítimas, sugerindo que cada algoz tem mais de uma vítima. Finalmente, em uma turma da sexta série, o número de agressores é igual ao de vítimas.

Dentre os indivíduos que participaram de episódios de *bullying*, ou seja, como vítimas ou como agressores, 73,69% eram do sexo masculino e 26,31% correspondiam ao sexo feminino. O Fator 1 (comportamento pró-social) foi encontrado em 15 indivíduos (10,48%): 53,33% correspondiam aos meninos e 46,67% referiam-se às meninas. No Fator 2 (comportamento agressivo), foram caracterizados como agressores 18 indivíduos (12,58%), dos quais 66,67% eram meninos e 33,33% eram meninas. No Fator 3 (vitimização), 20 indivíduos (13,99%) tiveram escore: 80% eram do sexo masculino e apenas 20% eram do sexo feminino.

Os fatores foram analisados quanto ao seu grau de associação. Para tanto, foi computado o coeficiente de correlação de postos de Spearman (teste de significância bi-caudal). Conforme pode ser visualizado na Tabela 1, dois coeficientes de correlação alcançaram significância estatística. Primeiro, ainda que modesta, observou-se uma correlação negativa entre comportamento pró-social e vitimização. Segundo, foi verificada uma correlação positiva entre comportamento agressivo e vitimização.

**Tabela 1.** Correlações entre Fatores do *Peer Assessment*.**Table 1.** Correlations between Peer Assessment's Factors.

Variáveis	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Fator 1	–	0,01	– 0,24**
Fator 2		–	0,51**
Fator 3			–

Notas: Coeficientes de correlação por postos de Spearman ( $\rho$ ). Fator 1 = comportamento pró-social, Fator 2 = comportamento agressivo, Fator 3 = vitimização. \*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$ . (teste de significância bi-caudal).

## Discussão

O estudo confirmou o que outras pesquisas já haviam evidenciado, isto é, que o fenômeno de *bullying* está presente no âmbito escolar, consistindo em um dos principais fatores intervenientes para a violência nas escolas (Chappell *et al.*, 2006). Esse tema tem sido discutido com frequência em diversos estudos (Bardick e Bernes, 2008; Castro, 1998; Culley *et al.*, 2006), sobretudo a partir dos anos 90, quando alguns episódios de atentados violentos em escolas ganharam grande repercussão internacional, como o massacre na escola Columbine, no estado americano do Colorado<sup>1</sup>. A prevalência de *bullying* encontrada neste estudo é semelhante aos achados de outras pesquisas (Carlyle e Steinman, 2007; Glew *et al.*, 2008).

Estudos apontam que a idade é um fator relevante para os comportamentos de *bullying*. Frisén *et al.* (2007) constataram que o pico de idade entre os sujeitos vitimizados é de sete a nove anos, enquanto, para os indivíduos perpetradores de *bullying*, a faixa correspondente é de dez a 12 anos. Uma vez que a média de idade da amostra estudada é de 10,81, uma hipótese explicativa para os resultados encontrados nessa pesquisa é a de que os episódios envolvendo *bullying* decrescem com o passar dos anos e que os indivíduos mais novos são vitimizados pelos mais velhos.

Quanto ao sexo, os resultados corroboram estudos anteriores (Frisén *et al.*, 2007; Klomek

*et al.*, 2007) e sustentam a literatura revisada, uma vez que os meninos tendem a se envolver mais em situações de *bullying* do que as meninas. Uma hipótese possível para essa diferença entre os sexos é que os meninos da faixa etária observada encontram-se em uma fase na qual a competição por *status* e a busca por prestígio das meninas aumenta consideravelmente, e isso os faz assumirem comportamentos de risco (Baker e Maner, 2008).

Além disso, os indivíduos do sexo masculino apresentaram maior probabilidade de serem perpetradores de condutas agressivas (Björkqvist e Niemelä, 1992; Hunter *et al.*, 2004; Olweus, 1997). De fato, a literatura aponta para uma maior tendência dos indivíduos do sexo masculino a apresentarem comportamentos hostis e atos de agressividade (Farrington, 1993; Lopes Neto, 2005; Olweus, 1994). Ademais, alguns transtornos mentais apontam uma incidência superior em indivíduos do sexo masculino, sobretudo os transtornos disruptivos, como o Transtorno Opositor-Desafiante e o Transtorno de Conduta (*American Psychiatric Association*, 1995).

Quanto à vitimização, isto é, entre aqueles indivíduos que sofreram algum tipo de situação agressiva, os resultados revelaram que o número de vítimas superou o número de agressores, corroborando com a pesquisa de Carlyle e Steinman (2007). Além disso, assim como os achados de outros estudos, a maioria das vítimas também era do sexo masculino (Farrington, 1993; Nansel *et al.*, 2003; Olweus, 1994; Spriggs *et al.*, 2007). Entretanto, a literatura também aponta que as consequências do *bullying* para suas vítimas, como sintomas depressivos e abuso de substâncias, eram mais presentes em indivíduos do sexo feminino do que do sexo masculino (Carlyle e Steinman, 2007). Uma das possíveis explicações para esta diferença é que, embora as vítimas do sexo masculino sejam mais frequentes, as meninas tendem a utilizar formas psicológicas de agressão, como ocorre no *bullying* indireto, o que leva a produzir efeitos mais prejudiciais ao indivíduo do que as formas de violência direta, como em situações de agressões físicas (Carlyle e Steinman, 2007). Ao mesmo tempo, o fato de as meninas utilizarem formas de violência mais sutis que os meninos pode dificultar a identificação do *bullying*

<sup>1</sup> Em abril de 1999, dois jovens assassinaram colegas e professores na escola Columbine, nos Estados Unidos. O ataque inspirou alguns filmes como *Elefante*, de Gus Van Sant, e *Tiros em Columbine*, de Michael Moore, além de jogos virtuais que simulam o massacre ocorrido.

entre elas (Lopes Neto, 2005). Assim, ressalta-se a importância de pesquisas que avaliem, além da presença de situações de *bullying*, o impacto das consequências deste para suas vítimas.

No entanto, quando foram analisados os comportamentos pró-sociais, os meninos apresentaram escores mais elevados do que as meninas, contestando os achados de pesquisas anteriores e a literatura revisada (Archer, 2001; Arnold *et al.*, 1999; Besag, 2006; O'Connell *et al.*, 1999). Em uma análise qualitativa dos dados, observou-se que o maior escore desse fator (comportamento pró-social) foi obtido por uma menina, revelando uma grande diferença em relação aos outros alunos. Esses resultados sustentam a ideia de que o gênero tem influência na manifestação de comportamentos agressivos, especialmente nos casos de agressividade direta, que inclui agressões verbais e físicas, condutas mais comumente observadas nos meninos (Björkqvist e Niemelä 1992; Hunter *et al.*, 2004; Olweus, 1997).

Nas análises das associações entre os fatores mensurados pelo *Peer Assessment*, foi possível visualizar aspectos dinâmicos do fenômeno de *bullying*. A associação negativa entre comportamento pró-social e vitimização pode ser interpretada em, pelo menos, duas direções: a primeira, na qual a manifestação de comportamentos pró-sociais – como ir bem na escola, ser um bom líder, se importar com o bem-estar dos demais – funciona como um fator de proteção contra sofrer vitimização; e a segunda, na qual os efeitos da vitimização diminuem a capacidade do indivíduo de manifestar comportamentos pró-sociais. A associação entre comportamento agressivo e vitimização, por sua vez, pode indicar uma interação recíproca, na qual manifestações de agressividade são reforçadas em um esquema de modelação do comportamento, conforme a teoria da aprendizagem social<sup>2</sup>.

## Conclusão

Os achados deste estudo revelaram que o *bullying* na escola é um problema bastante sério e atinge uma parcela importante dos estudantes. Isso indica que muitos jovens estão expostos ao risco de sofrerem abusos regulares de seus pares. A escola deve ser um espaço institucional, no qual alunos e professores possam se desenvolver, aprender uns com os outros e exercer a cidadania (Guzzo, 2001). Des-

sa forma, salienta-se que mais estudos sobre *bullying* são necessários para expor algumas questões relacionadas à violência observada constantemente nas escolas.

A relação entre comportamentos agressivos e gênero é notória, uma vez que os meninos mostraram mais características de agressividade direta do que as meninas, além de serem mais vitimizados. Esses achados evidenciam que o fenômeno de *bullying* está fortemente associado ao sexo masculino, sobretudo nos casos de agressão física e verbal. Admite-se que a utilização de apenas um instrumento para avaliar os comportamentos de vitimização, agressividade e características pró-sociais dos estudantes foi uma limitação deste estudo. Entrevistas com professores e pais poderiam enriquecer a pesquisa, possibilitando verificar diferentes níveis do fenômeno que, pela simples aplicação do instrumento, não foram possíveis.

Além da diminuição da autoestima e dos prejuízos no desempenho escolar e nas relações sociais, o *bullying* pode trazer outras consequências mais graves, como o desenvolvimento de psicopatologias, como a depressão, a Fobia Social e, até mesmo, a tentativa de suicídio para aqueles indivíduos que são vitimizados, assim como a manifestação de Transtorno de Conduta (na adolescência) e o Transtorno da Personalidade Anti-Social (na vida adulta), e intenções homicidas, para aqueles que se caracterizam como algozes (Constantini, 2004). Ademais, tanto as vítimas quanto aqueles que apresentam um comportamento mais agressivo não recebem o apoio necessário e adequado. Dessa maneira, ressalta-se a importância de que esses comportamentos agressivos, manifestados pelas crianças e adolescentes, sejam combatidos prioritariamente na escola, uma vez que intervenções corretivas ou terapêuticas, que focalizem a pessoa individualmente, sem trabalhar seu contexto de vida, são ineficientes (Guzzo, 2001). Assim, é necessária uma intervenção em que as diversas esferas do indivíduo sejam abordadas, a fim de que haja uma efetiva melhora na situação desses sujeitos. É papel da escola denunciar toda forma de vitimização e agressão, tanto física quanto psicológica, para que ela se constitua num espaço saudável de aprendizado. O fato de as escolas desconhecem ou negarem a existência do *bullying* pode acarretar problemas que ultrapassam o âmbito escolar, podendo se estender

<sup>2</sup> Para aprofundamento das teorias psicológicas sobre a agressão física, recomenda-se consultar Kristensen *et al.* (2003).

à esfera familiar e à esfera social, gerando complicações às diversas áreas de funcionamento do indivíduo. Por isso, é necessária a priorização de ações de prevenção nas instituições de ensino, público e/ou privado, objetivando a garantia da saúde e da qualidade da educação. Além disso, Lopes Neto (2005) ressalta que é obrigação dos educadores, profissionais da saúde e familiares atentarem e identificar possíveis situações de dificuldades entre a criança e/ou adolescente com os jovens de seu convívio social. O autor também destaca a importância da promoção de estratégias que considerem características sociais, econômicas e culturais da população.

Com o aperfeiçoamento de técnicas de manejo dos profissionais da educação, muitos alunos que hoje atuam como algozes podem ter à disposição um trabalho comportamental e cognitivo necessário para a modificação ou a não perpetuação desses comportamentos agressivos. Essa busca deve ser incessante, impedindo, assim, a solidificação de um comportamento que pode causar danos por toda a vida, tanto para o agressor quanto para a vítima e a todos que os cercam, amigos, familiares e sociedade.

## Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. 1995. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 4ª ed., Washington, DC, Author, 880 p.
- ARCHER, J. 2001. Evolving theories of behavior. *The Psychologist*, **14**:414-430.
- ARNOLD, D.H.; HOMROK, S.; ORTIZ, C.; STOWE, R.M. 1999. Direct observation of peer rejection acts and their temporal relationship with aggressive acts'. *Early Childhood Research Quarterly*, **2**:183-196.
- BAKER, M.D.; MANER, J.K. 2008. Risk-taking as a situationally sensitive male mating strategy. *Evolution and Human Behavior*, **29**:391-395.
- BARDICK, A.D.; BERNES, K.B. 2008. A framework for assessing violent behaviors in elementary school-age children. *Children & Schools*, **30**:83-91.
- BATSCHKE, G.M. 1997. Bullying. In: G.G. BEAR; K.M. MINKE; A. THOMAS (eds.), *Children's needs, Part II: Development, problems, and alternatives*. Bethesda, MD, National Association of School Psychologists, p. 171-179.
- BESAG, V.E. 2006. Bullying among girls. *School Psychology International*, **27**:535-551.
- BJÖRKQVIST, K. 1994. Sex differences in physical, verbal, and indirect aggression: A review of recent research. *Sex Roles*, **30**:177-188.
- BJÖRKQVIST, K.; NIEMELÄ, P. 1992. New trends in the study of female aggression. In: K. BJÖRKQVIST; P. NIEMELÄ (eds.), *Of mice and women – aspects of female aggression*. San Diego, Academic Press, p. 3-16.
- BOND, L.; WOLFE, S.; TOLLIT, M.; BUTLER, H.; PATTON, G. 2007. A comparison of the gatehouse bullying scale and the peer relations questionnaire for students in secondary school. *The Journal of School Health*, **77**:75-79.
- CAMODECA, M.; GOOSSENS, F.A. 2005. Aggression, social cognitions, anger and sadness in bullies and victims. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, **46**:186-197.
- CARLYLE, K.E.; STEINMAN, K.J. 2007. Demographic differences in the prevalence, co-occurrence, and correlates of adolescent bullying at school. *The Journal of School Health*, **77**: 623-629.
- CARNEY, A.G.; MERRELL, K.W. 2001. Bullying in schools: Perspective on understanding and preventing an international problem. *School Psychology International*, **22**:364-382.
- CASTRO, M.L.S. 1998. Violência no cotidiano da escola básica: um desafio social e educacional. *Revista Educação PUCRS*, **21**:7-28.
- CHAPELL, M.S.; HASSELMAN, S. L.; KITCHIN, T.; LOMON, S.N.; MACLVER, K.W.; SARULLO, P.L. 2006. Bullying in elementary school, high school, and college. *Adolescence*, **41**:633-648.
- CHESSON, R. 1999. Bullying: The need for an interagency response. Bullying is a social as well as an individual problem. *British Medical Journal*, **319**:330-31.
- COSTANTINI, A. 2004. *Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens*. São Paulo, Itália Nova Editora, 224 p.
- CROTHERS, L.M.; LEVINSON, E.M. 2004. Assessment of Bullying: A review of methods and instruments. *Journal of Counseling and Development*, **82**:496-503.
- CULLEY, M.R.; CONKLING, M.; EMSHOFF, J.; BLAKELY, C.; GORMAN, D. 2006. Environmental and contextual influences on school violence and its prevention. *The Journal of Primary Prevention*, **27**:217-227.
- DAWKINS, J. 1995. Bullying in school: Doctor's responsibilities. *British Medical Journal*, **310**:274-275.
- ESLEA, M.; REES, J. 2001. At what age are children most likely to be bullied at school? *Aggression and Violent Behavior*, **27**:419-429.
- FARRINGTON, D.P. 1993. Understanding and preventing bullying. In: M. TONRY (ed.), *Crime and justice*. Chicago, The University of Chicago Press, p. 381-459.
- FRISÉN, A.; JONSSON, A.; PERSSON, C. 2007. Adolescents' perception of bullying: Who is the victim? Who is the bully? What can be done to stop bullying? *Adolescence*, **42**:749-761.
- GLEW, G.M.; FAN, M.Y.; KATON, W.; RIVARA, F.P. 2008. Bullying and school safety. *The Journal of Pediatrics*, **152**:123-128.
- GUZZO, R.S.L. 2001. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In: Z.A.P. DEL PRETTE (ed.), *Psicologia escolar e educacional-saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras*. Campinas, Alínea, p. 25-42.

- HAMILTON, L.D.; NEWMAN, M.L.; DELVILLE, C.L.; DELVILLE, Y. 2008. Physiological stress response of young adults exposed to bullying during adolescence. *Physiology & Behavior*, **95**:617-624.
- HUNTER, S.C.; BOYLE, J.M.E.; WARDEN, D. 2004. Help seeking amongst child and adolescent victims of peer-aggression and bullying: The influence of school-stage, gender, victimization, appraisal, and emotion. *British Journal of Educational Psychology*, **74**:375-390.
- KALTIALA-HEINO, R.; RIMPELÄ, M.; MARTTUNEN, M.; RIMPELÄ, A.; RANTANEN, P. 1999. Bullying, depression, and suicidal ideation in Finnish adolescents: School survey. *British Medical Journal*, **319**:348-351.
- KIM, Y.S.; LEVENTHAL, B.L.; KOH, Y.; HUBBARD, A.; BOYCE, W.T. 2006. School bullying and youth violence. Causes or consequences of psychopathologic behavior? *Archives of general psychiatry*, **63**:1035-1041.
- KLOMEK, A.B.; MARROCCO, F.; KLEINMAN, M.; SCHONFELD, I.S.; GOULD, M.S. 2007. Bullying, depression, and suicidality in adolescents. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, **45**:40-49.
- KRISTENSEN, C.H.; LIMA, J.S.; FERLIN, M.; FLORES, R.Z.; HACKMANN, P.H. 2003. Fatores etiológicos da agressão física: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, **8**:175-184.
- KUMPULAINEN, K.; RÄSÄNEN, E.; PUURA, K. 2001. Psychiatric disorders and the use of mental health services among children involved in bullying. *Aggression and Violent Behavior*, **30**:102-110.
- LISBOA, C.S.M. 2005. *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 146 p. [não publicada].
- LOPES NETO, A.A.L. 2005. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, **81**:164-172.
- LOPES NETO, A.A.; SAAVEDRA, L.H. 2003. *Diga não para o bullying: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro, ABRÁPIA, 146 p.
- LUND, R.; NIELSEN, K.K.; HANSEN, D.H.; KRIEGBAUM, M.; MOLBO, D.; DUE, P.; CHRISTENSEN, U. 2008. Exposure to bullying at school and depression in adulthood: A study of Danish men born in 1953. *The European Journal of Public Health*, **9**:111-116.
- MARTINS, M.J.D. 2005. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, **18**:93-115.
- NANSEL, T.R.; OVERPECK, M.D.; HAYNIE, D.L.; RUAN, W.J.; SCHEIDT, P.C. 2003. Relationships between bullying and violence among US youth. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, **157**:348-353.
- O'CONNELL, P.; PEPLER, D.; CRAIG, W. 1999. Peer involvement in bullying: Insights and challenges for intervention. *Journal of Adolescence*, **22**:437-452.
- OLWEUS, D. 1977. Aggression and peer acceptance in adolescent boys: Two short-term longitudinal studies of ratings. *Child Development*, **48**:1301-1313.
- OLWEUS, D. 1993. *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford, Blackwell, 140 p.
- OLWEUS, D. 1994. Annotation: Bullying at school: Basic facts and effects of a school-based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, **35**:1171-1190.
- OLWEUS, D. 1997. Bully/victim problems in school: Facts and interventions. *European Journal of Psychology of Education*, **12**:495-510.
- PEARCE, J.B.; THOMPSON, A.C. 1998. Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, **79**:528-531.
- PITTON, D.E. 2006. Bullying: A middle school service-learning project. *Action in Teacher Education*, **28**:29-41.
- RUBIN, K.H.; BUKOWSKI, W.; PARKER, J.G. 1998. Peers interactions, relationships, and groups. In: W. DAMON; N. EISENBERG (eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development*. New York, John Wiley & Sons, p. 619-700.
- SILVA, V.R.M.G.; LÖHR, S.S. 2001. Indicadores de rejeição em grupo de crianças. *Interação*, **9**:9-30.
- SMITH, P.K. 2002. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: E. DEBARBIEUX; C. BLAYA (eds.), *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília, UNESCO, p. 187-205.
- SMITH, P.K.; SHARP, S. 1995. *School bullying: Insights and perspectives*. London, Routledge, 264 p.
- SMITH, P.K.; MADSEN, K.; MOODY, J. 1999. What causes the age decline in reports of being bullied at school? Towards a developmental analysis of risks of being bullied. *Educational Research*, **41**:267-285.
- SPRIGGS, A.L.; IANNOTTI, R.J.; NANSEL, T.R.; HAYNIE, D.L. 2007. Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: Commonalities and differences across race/ethnicity. *Journal of Adolescent Health*, **41**:283-293.
- VAN DER WAL, M.F.; DE WIT, C.A.M.; HIRASING, R.A. 2003. Psychosocial health among young victims and offenders of direct and indirect bullying. *Pediatrics*, **111**:1312-1317.
- YANG, S.; KIM, J.; KIM, S.; SHIN, I.; YOON, J. 2006. Bullying and victimization behaviors in boys and girls at south Korean primary schools. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, **45**:69-77.

Submetido em: 22/04/2009  
Aceito em: 08/06/2009